



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

MEMÓRIA E RECONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA DANÇA DO TAMBOR EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO ESTADO DE GOIÁS

Jéssica Nascimento De Sousa
Renata Carvalho Dos Santos
Conceição Viana De Fátima

RESUMO

Foi realizada uma pesquisa na comunidade quilombola urbana João Borges Vieira localizada no município de Uruaçu, estado de Goiás. O objetivo foi descrever a dança do tambor realizada pelos moradores desse local e suas relações com identidade grupal. Foram realizadas visitas à comunidade, entrevistas semiestruturadas com informantes-chave e observações das apresentações de dança. As entrevistas foram transcritas e analisadas segundo a análise temática, e utilizado os conceitos de memória e identidade para nortear a compreensão do fenômeno. Foi possível identificar, descrever e perceber os significados que os atores sociais atribuem às experiências vividas, e como esta prática corporal contribui para reconstrução da identidade desse quilombo.¹

PALAVRAS-CHAVE: memória; identidade; dança; comunidade quilombola.

INTRODUÇÃO: CONHECENDO OS QUILOMBOS E SUA CULTURA

A historicidade quilombola possui fortes traços característicos que são relacionadas às impressões do sistema escravocrata que perpetuou no Brasil e em alguns países da América, por alguns séculos, além de elementos de reação ao sistema vigente em busca da liberdade (FALCÃO et al, 2011).

No entanto, estudos mostraram que as comunidades de quilombo se constituíram a partir de uma diversidade de processos, o que modificou toda a construção histórica acerca dos quilombos, pois estes passaram a incluir além das fugas, mas também as heranças, doações, recebimentos de terras como pagamento de serviços prestados ao Estado, simples permanência nas terras que ocupavam e cultivavam no interior de grandes propriedades, assim como a compra de terras, tanto durante a vigência do sistema escravocrata quanto após a abolição (ARRUTI, 2007).

¹ O presente trabalho (não) contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização. 1

Todo esse contexto representa a dinâmica histórica que desencadeou a criação dos quilombos e a sua representatividade social, demográfica, econômica, cultural que ocupam na atualidade. Caminhando pelas problemáticas das comunidades e até mesmo nas nomeações para estas, percebemos a dificuldade de inserir, discutir, problematizar e refletir sobre os quilombos e a povoação desse espaço.

As composições para o conceito de quilombo e da identidade quilombola vão além da cor da pele e identidade biológica (FALCÃO et al, 2011) partem de diversas ordens: a fuga, o isolamento social, a diversidade étnica, luta política, reconhecimento social e cultural.

Essas composições são expostas através das relações feitas por Alvarez et al (2011, p.82) “... quilombos não são homogêneos, não são puros, não se caracterizam por uma marcada tradição oral e apresentam às vezes uma *amnésia estrutural* que apaga as lembranças da época da escravidão. Pelo contrário, os quilombos são plurais, híbridos (...)”.

Em linhas gerais, os quilombos consistem em grupos que desenvolveram práticas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos de um determinado lugar. São grupos sociais cuja identidade étnica os distingue do restante da sociedade (BOSI, 2007).

A identidade étnica de um grupo é a base para sua organização, relação com os demais grupos e sua ação política. A maneira pela qual, os grupos sociais definem a própria identidade é resultado de uma série de fatores, escolhidos por eles mesmos: de uma ancestralidade comum, formas de organização política e social, elementos linguísticos e religiosos, ou como aquele grupo se compreende e se define (ALMEIDA, 2013). Dessa forma, como afirmam Falcão et al (2011, p. 12) “os quilombolas de ontem e de hoje sempre constituíram como tais a partir de complexas teias de relações”.

Nessa perspectiva, as discussões sobre a questão quilombola vai além de elementos ideológicos, pois abrange a cultura, a tradição, as práticas de vivências e singularidades que se constroem e reconstroem na historicidade dos quilombos e seu povo (FALCÃO et al, 2011).

O que remete à reconstrução do termo quilombola e de suas características é o sentido que os quilombos compartilham a partir de uma base histórica, porém, algumas comunidades apresentam estruturações, modos, costumes, valores e práticas corporais que são singulares e característicos do local onde se situam. As comunidades quilombolas no Brasil são



diversas e estão localizadas em várias regiões do país. E entre essa diversidade, existem comunidades urbanas, que estão situadas próximas a cidades ou até mesmo dentro das cidades, como é o caso da comunidade objeto desse estudo.

Essas comunidades apresentam uma forma singular de se relacionar com a terra, com a natureza, com o próximo, com a coletividade, com o trabalho e uma valorização dos traços culturais e a persistência da luta por território e reconhecimento.

Pensar a vida em comunidades nos leva a relacionar à vida compartilhada e instituída a partir de interações diretas entre os indivíduos, portanto, as relações corporais e as relações com o meio social e com a natureza estão fortemente representadas nas expressões corporais e cotidianas dos sujeitos que compõem aquele meio social.

Nesse sentido, as relações sociais que se refazem no contexto das práticas corporais perpassam por muitas dimensões da cultura local, como nos rituais que expressam as normas, os conhecimentos e os valores culturais, bem como exprimem os corpos dos quilombolas. Contudo, as práticas corporais que os compõem possuem sentidos e significados que são determinados socialmente. Compreendendo cultura como um processo dinâmico e que se configura como sistema simbólico orientando as representações em diferentes sociedades, entende-se as (re)significações das práticas corporais na contemporaneidade brasileira (ALMEIDA, 2013).

De acordo com Silva (2011) as práticas corporais reproduzem a tradição onde a cultura é expressa por meio dos gestos corporais, símbolos e movimentos. Nesse sentido, cada movimento e expressão corporal são representativos de sua tradição e conseqüentemente faz parte de sua prática corporal.

Esta articulação se dá através das relações e interações dos sujeitos entre si e com o seu meio. E assim como discute Suassuna e Azevedo (2007) os sujeitos são atores sociais que atuam, relacionam, compõem e modificam seu meio.

Podemos perceber as relações interculturais que influenciam a constituição das práticas quilombolas. Freitas et al (2009) discutem que nessas comunidades foram desenvolvidas complexas relações interculturais, e que ocorrem inter cruzamentos da cultura caracterizadora dos quilombos e suas especificidades com a cultura de massa,

constituindo assim uma rede simbólica que tanto se mantém como se reconstrói por meio da tradicionalidade, como na contemporaneidade. A mediação de tais relações é viabilizada pelo corpo, pela gestualidade e expressões que este contempla em sua cultura de origem.

Daolio (1994) afirma que o corpo, a cultura e as manifestações se relacionam e se complementam, possibilitando a compreensão da cultura como sendo uma possível entre tantas outras e que esta constrói seu sentido a partir das relações estabelecidas no contexto sócio-histórico-cultural das comunidades quilombolas.

MEMÓRIA E IDENTIDADE

As representações coletivas em uma dimensão social, cultural e histórica são traduzidas em arte, sendo composta por símbolos. As lembranças às quais os atores sociais recorrem para entender o passado e significar o presente representam a memória, as experiências de vida, momentos, fatos, pessoas e objetos. E a memória em diversos momentos expande para a coletividade, assim como afirma Chauí (2008) esta não se limita à individualidade, pois além desse caráter pessoal possui um caráter coletivo.

A memória para Halbwachs (1990) é a reconstrução do passado, e este não pode se modificar, mas as interpretações a respeito dele é que variam de sujeito para sujeito. O movimento histórico que acontece com a memória reflete que o passado ainda está em movimento e há ligações entre a memória individual e a memória coletiva.

A presença da memória na construção de referências identitárias, tanto no plano interno da coesão intragrupal, que envolve o processo de "sentir-se identificado", quanto no plano das relações intergrupos, que envolvem os processos de inclusão e exclusão, relações históricas sociais construídos e vivenciados, amarra os sentidos e significações da comunidade para seus membros (VALENTIM, 2010).

A memória constrói a identidade, logo, a partir dos relatos e histórias contadas, portanto da história oral daqueles sujeitos, pode-se aproximar e constituir uma identidade para aquele grupo imerso em um âmbito urbano. A memória se torna a afirmação da identidade do grupo social.

A memória enquanto elemento da cultura passa por elaborações inconscientes, enquanto que a identidade cultural se instala no consciente, é algo intencional para



que perpassa as oposições simbólicas e as transformações históricas e se construa a identidade social (VIANA et al., 2004).

Assim, a construção de identidade viabilizada por meio da memória, da oralidade e desvelada através do corpo, pode estar ancorada em três conceitos baseados em Mauss (1974): fato social total, técnicas corporais e imitação prestigiosa.

O conceito de fato social total entende o homem em sua totalidade, o compreende em todas suas dimensões: biológica, psicológica, sociológica, histórica, cultural, logo, não se pode pensar no homem como um corpo com repartimentos, pois todos estes estão conectados, em constante transmissão. Possibilitando assim que o homem se perceba enquanto ator social e que por meio do seu corpo (espírito, essência, aparência), dos costumes, das suas práticas sociais ele possa representar e significar sua historicidade por meio de suas expressões corporais e no momento da coletividade de determinado grupo manifestá-la (MAUSS, 1974).

As técnicas corporais expressam as formas que os sujeitos encontram em um determinado momento histórico e lugar para se expressar através de seus corpos de uma forma tradicional, valendo-se de todos os elementos históricos de seu povo para representar e reconstruir sua identidade. Nesse sentido, cada grupo social cria e recria formas para marcar o corpo de seus membros e representar sua cultura, sua historicidade (Viana et al, 2004). As técnicas corporais são os atos tradicionais que fundem características sociais, ambientais, biológicos, psicológicos, culturais e históricos do homem em detrimento de um determinado grupo social (MAUSS, 1974).

Mauss afirma que as técnicas corporais são um recurso cultural de cada grupo social e em cada técnica corporal envolve um processo de aprendizado, entendendo que os homens não nascem com as técnicas corporais, mas apreendem através de uma imitação prestigiosa (processo pelo qual é possível identificar a força da tradição e os costumes de uma cultura na qual as lembranças, as memórias de um grupo social devem ser entendidas como documentos históricos de igual valor aos documentos escritos, pois possibilitam outras versões sobre nossa história) (SILVA, 2012). Esse processo foi percebido e descrito na pesquisa realizada.

METODOLOGIA: CAMINHOS PERCORRIDOS

Com a finalidade de conhecer e compreender a experiência da comunidade quilombola com relação à dança do tambor, e considerando o contexto urbano em que essa se localiza, questionamos como esses atores sociais percebem tal prática corporal e suas ligações com a tradição quilombola. Por meio dos discursos dos sujeitos da comunidade almejamos desvelar este fenômeno.

A pesquisa se ancorou em uma abordagem fenomenológica, e a utilização desse método justificou-se por ser um estudo sobre as manifestações da cultura corporal, que pretendia compreender o fenômeno a partir da descrição, interpretação, categorização e compreensão do mesmo (MERIGHI, 2003), tendo em vista os sujeitos que o vivencia.

A fenomenologia se propõe a “interrogar a experiência vivida e o significado que o sujeito lhe atribui, ou seja, procura não priorizar o objeto e/ou o sujeito, mas centrar-se na relação sujeito-objeto-mundo” (MERIGHI, 2003, p. 30).

O estudo foi realizado na comunidade quilombola João Borges Vieira, localizada no Uruaçu-GO, em julho de 2014. Essa comunidade foi reconhecida pela Fundação Cultural Palmares em 2009, e apresenta a particularidade de ser uma comunidade urbana.

Inicialmente foi realizado contato com a liderança da comunidade, para esclarecimentos dos objetivos e procedimentos metodológicos da pesquisa, além da obtenção do termo de anuência.

Foram utilizados os seguintes instrumentos e técnicas de pesquisa para apreender o objeto de estudo, entrevista semiestruturada com informantes-chave, observação sistematizada da comunidade e da apresentação cultural do grupo de dança e construção do relato de observação no diário de campo.

Participaram da pesquisa quatro crianças, seis adolescentes, quatro adultos, seis idosos e a liderança da comunidade.

Para a análise das entrevistas foi utilizada a técnica de análise temática como proposto por Minayo, que se caracteriza pela “a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que pretende investigar” (MINAYO, 2010, p. 79). Portanto, foi realizada



uma dissolução dos dados, buscando as relações entre as partes em questão na pesquisa.

A trajetória da análise temática, de acordo com Minayo (2010), segue os seguintes passos: por meio da leitura, analisar em um âmbito geral, compreender as especificidades do todo material que será remetido a análise, elaborar hipóteses iniciais para direcionar a análise e em consequência a interpretação dos dados, classificar os achados em categorias a partir dos elementos estabelecidos na pesquisa e determinação das concepções teóricas que orientarão a pesquisa. Em seguida, são propostas as inferências e a realização das interpretações previstas no quadro teórico do pesquisador, podendo elencar pistas em torno das dimensões teóricas sugeridas pelo referencial teórico.

Todas as etapas da pesquisa de campo foram realizadas respeitando os princípios éticos e o rigor científico ressaltado na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, o qual regulamenta as pesquisas com seres humanos no Brasil. Todos os participantes aceitaram participar assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

DESVELANDO AS PRÁTICAS CORPORAIS DA COMUNIDADE

A comunidade João Borges Vieira está localizada em cinco bairros da cidade de Uruaçu-GO, e possui uma Associação de moradores quilombolas situada no centro da cidade, na avenida principal do bairro São Vicente. A associação possui em torno de 220 famílias cadastradas como pertencentes à comunidade

O berço dessa comunidade quilombola urbana é a comunidade rural do município de Barro Alto, de onde muito idosos vieram e se instalaram na cidade e constituíram suas famílias.

Desde 2006 os moradores de João Borges Vieira conseguiram se organizar em busca do reconhecimento da comunidade, a qual foi certificada em 2009 pela Fundação Cultural Palmares.

A comunidade João Borges Vieira se caracteriza por ser urbana, o que demanda outras necessidades dos seus moradores e formas de ação. Os costumes ficam mais dispersos e se

estruturam com a rotina da cidade. No relato da liderança é possível identificar essa diferença.

“A grande diferença [entre uma comunidade urbana e rural] é a questão de costumes, porque no rural, eles trabalham todos no coletivo, moram todos juntos, e a urbana não, é tudo urbanizado (...) comunidade são comunidades de irmãos, pais, filhos né (...) urbana é diferenciada, como você mesmo foi constatada a questão de que, aqui tem um quilombo, ali já não é, né, e até agente trabalhar essa questão de igualdade” (D.B.V entrevista com a liderança, 42 anos).

A característica que melhor contempla essa comunidade é a busca pela identidade, através da necessidade da reconstrução das vivências que representaram os quilombos em um dado momento histórico cultural, das suas práticas e costumes de significar a tradição quilombola. Representado, principalmente, pela manifestação corporal expressa através da dança do tambor.

Após a leitura compreensiva do conjunto das entrevistas e observações, procuramos estabelecer núcleos de sentidos e posteriormente categoriza-los para estruturar temáticas para compreensão, interpretação, discussão buscando a lógica dos relatos e das observações, situando no contexto dos atores (DESLANDES, 2010).

Considerando a primeira categoria de análise da pesquisa, identificamos a identidade quilombola nas práticas corporais do grupo. Segundo Wehling (1999) a memória é elemento recorrente do campo histórico para construir a historicidade e identidade de um grupo no intuito de significar e justificar a existência e as práticas de seus atores sociais. Desse modo, a identidade quilombola foi reforçada a partir da memória social dos quilombolas da comunidade na qual suas raízes foram unidas, distinguindo assim, os valores, os costumes e as práticas que os marcam frente à outras culturas.

Na comunidade João Borges Vieira, percebemos a luta pelo não esquecimento das práticas corporais através dos encontros aos domingos a noite para dançarem, tocarem e ensaiarem o grupo de dança do tambor para as apresentações culturais em outras comunidades e eventos.

Logo, o grupo artístico e cultural da comunidade, de maneira não muito direta, reivindica melhorias para sua comunidade por meio de seu espetáculo artístico e, por



meio da riqueza dos movimentos mostra também o significado do campo gestual, a linguagem, a dança e o corpo expressivo.

A identidade desse quilombo foi se moldando a partir da apropriação do grupo pelas atividades de valorização das manifestações tradicionais perpetuadas por meio da história oral e passadas para as novas gerações. Esse trabalho partiu da atuação da liderança local em busca da valorização do seu povo, como exemplifica a fala abaixo.

“O nosso povo sabe o valor que nós temos, não adianta nós sermos quilombolas, empoderar do seu poder de quilombola, falar tá (...) se não formos buscar o nosso valor, não somos um movimento, somo a história”
(Entrevista com a liderança, D.B.V., 42 anos).

A comunidade Borges Vieira está passando por um período marcante de construção coletiva e transformações na caracterização de quilombos, marcada pelas lutas políticas e afirmação cultural.

Dentro da temática da cultura e costumes da comunidade investigada existe uma necessidade de reafirmar os costumes para viabilizar a disseminação dos saberes por meio da vivência. O costume que caracteriza a comunidade João Borges Vieira identificado por meio dos relatos e da observação são as reuniões realizadas todos os domingos à tarde para tocarem e dançarem unidos em um só ritmo afim de ressignificar e assegurar seus costumes e história de arrojamento na consolidação de sua identidade perante a sociedade.

A corporeidade da comunidade João Borges Vieira pode conectar-se ao conceito de Mauss (1974) de fato social, pois nos membros da comunidade estão estreitamente conectados entre os elementos que compõem suas práticas, com o seu meio e até mesmo nas relações entre eles e suas raízes.

A memória constrói a identidade (as danças e as festas), os momentos de celebração (os festejos e seminários culturais) e os momentos de reconstrução perpassam a dimensão da necessidade e de corporeidade do grupo. A partir da necessidade de reelaborarem e reconstruírem suas técnicas corporais, o grupo procurou recriar a dança do tambor por meio da ‘imitação prestigiosa’ (Mauss, 1974), o que fica evidenciado na fala:

“Então as danças de tambores que agente costuma fazer, é como os negros antigamente, quando eles se encontravam, era a forma do dialeto que eles tinham”. (Entrevista com a liderança, D.B.V., 42 anos).

Nesse sentido, a simbologia das manifestações corporais é expressa a partir do diálogo realizado por meio da dança e da ritmicidade dos tambores, e tal apropriação foi necessária para atrair os sujeitos para dentro da comunidade novamente.

Um movimento que se mostrou eficiente e adquiriu eficácia simbólica foi imitado pela comunidade transformando-se na expressão desenvolvida por Mauss (1974) de “imitação prestigiosa”, caracterizado por ser um processo de identificação da força da tradição e dos costumes de uma cultura, onde indivíduos imitam atos, gestos, comportamentos e corpos daqueles que são reconhecidamente bem-sucedidos. A imitação prestigiosa do grupo João Borges Vieira é dança do tambor, que é uma prática que os caracteriza como quilombolas. “(...) essa dança é cultura, dança do tambor, é a nossa cultura.” (Entrevista com os adultos, S., 34 anos).

Os idosos encontram nesses encontros suas histórias recontadas e dançadas, veem em cena suas lembranças conectadas aos gestos e sons. “(...) participo sim de todos os festejos, é bom demais relembrar né, só não danço mais, mas toco (...)” (Entrevista com os idosos, N., 63 anos).

Já os mais jovens, acreditam na possibilidade do ‘resgate’ das performances para a valorização de seu povo.

“Eu acho que é de uma forma, pra seguir a tradição né, porque querendo ou não, um dia eles vão e aí é bom manter a tradição de há muito tempo atrás.” (Entrevista com os adolescentes, T., 18 anos).

As expressões artísticas da comunidade são alicerçadas nas práticas diárias, passa pelo processo de reconstrução caracterizado, principalmente pela participação dos mais jovens na elaboração das coreografias, na escolha das músicas e forma de tocar. Portanto, a partir da necessidade de assegurar a sua identidade essa manifestação corporal tem unido a comunidade João Borges Vieira.



.E mesmo com todas as interferências e relações do contexto contemporâneo, e seu caráter urbano, os adultos e adolescentes procuram se envolver nas atividades do grupo e da reconstrução da identidade quilombola da comunidade. Ilustrados a partir da fala a seguir:

“Eu mesmo não danço mais tenho muita dor nas pernas, antes até que eu participava da dança, hoje num ‘dô’ conta mais. Mas eu toco, tô em tudo que é apresentação e nas folias”. (Entrevista com os idosos, N., 63 anos)

Configura-se no imaginário social e cultural da comunidade a imagem dos idosos enquanto importante elo da tradição quilombola e percebe-se a influência deles na participação das práticas corporais e culturais do grupo como elemento chave para despertar o interesse dos jovens para a dimensão dos sentidos das experiências do seu povo. Importância perceptível na oralidade dos sujeitos da comunidade:

“Então é porque não tem como resgatar a cultura sem os mais velhos, eles têm a sabedoria do nosso povo né, e dos novos pra aprender.” (Entrevista com a liderança, D.B.V., 42 anos)

“Uma senhora que ensinou minha mãe tocar, ela até dança com uma pinga na cabeça, esqueci o nome dela, ela é lá da comunidade de Pombal, e quando minha mãe trouxe pra cá, as outras senhoras já sabiam, daí foram ensinando pro pessoal. Inclusive tem algumas que dançam, que vai e acompanha o grupo quilombola quando vai fazer as apresentações. Rún, elas são animadas tão em tudo que é festejo”. (Entrevista com os adolescentes, T.B.V., 18 anos)

As técnicas corporais criadas pelo grupo são específicas e tradicionais por serem passadas para as novas gerações através da imitação prestigiosa. No entanto, através das entrevistas, identificamos um movimento de valorização e busca da identidade por meio de práticas corporais entre os adultos e adolescentes, e outro de negação e de apropriação do contexto urbano entre as crianças, as quais buscam se divertir em jogos eletrônicos ou televisão. Apesar das falas das crianças evidenciarem esse distanciamento, foi possível

perceber nas apresentações dos grupos o desejo de algumas em participar e se identificar com a dança do tambor.

RECONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO QUILOMBO: A DANÇA DO TAMBOR

A dança do tambor é uma espécie de samba cantado que contam o dia-a-dia no quilombo por meio de elementos singelos, porém, marcantes e expressivos. É realizada de forma circular, na qual homens e mulheres, com pés descalços, celebram a vida, seus costumes e retratam a tradição com novos símbolos agregados a partir das relações construídas com a contemporaneidade.

Essa dança configura-se como a prática corporal mais expressiva desse grupo, pois a partir desta acontece o diálogo entre a tradição e a busca de novas expressões corporais representativas dos quilombos e a afirmação da sua identidade.

Os movimentos e manifestações na dança e nas batidas do tambor no momento das apresentações expressam toda historicidade daqueles sujeitos. Na dança pode-se perceber movimentos do dia-a-dia de mulheres e de homens simples em contato com a terra, natureza e trabalho. A batida do tambor representa o ritmo acelerado de vida da comunidade, o pulso firme que devem ter diante das situações e das condições em que vivem.

É uma prática advinda do contato com os mais velhos, porém já é algo enraizado do quilombo e uma forma de diálogo entre eles, como afirma um idoso “... eu já nasci aprendendo a tocar... foram meus avós que me ensinaram, mas eu já sabia” (masculino, entrevista com os idosos da comunidade de João Borges Vieira).

O hábito de se reunir para tocarem e dançarem expressa o diálogo entre os moradores e a busca para assegurar sua história em constante reconstrução.

“Então as danças de tambores que agente costuma fazer é como os negros antigamente, quando eles se encontravam, era a forma do dialeto que eles tinham (...) pra poder eles tramarem as fugas deles, eles falavam em forma de canto e danças né, eles dançavam (D.B.V, liderança da comunidade, 42 anos).



Podemos destacar os detalhes do corpo e seus ornamentos durante a dança. As mulheres dançam com saias longas de cores fortes e detalhes floridos, a blusa rendada e a flor nos cabelos, os pés descalços entrelaçando-se nos passos e nos sentido dos movimentos. Os homens com suas camisas xadrez e botinas pretas, apresentam passadas fortes e ao mesmo tempo suaves no cortejo com a parceira. Os tambores são fabricados pelo grupo e afinados pelos homens mais velhos. A forma de tocar é ensinada aos mais jovens, e já se admite as mulheres nessa posição. As mãos que teceram e trabalharam em colheitas demonstram naquele instrumento a sua força e seus saberes tanto de homens e mulheres. O canto representa atos simples de suas vidas, e são expostas como desde a saia que não deve arrastar para não desgastar até o segurar balaio de colher para não deixar os grãos caírem. Os versos entoados sempre se referem às ações da vida cotidiana e a sua história no meio rural.

Portanto, em cada passo e em cada rima o corpo e tudo que faz parte desse cenário “abre portas para a transformação e relação para as memórias corporais enraizadas no aspecto cultural” (SILVA, 2011, p. 130).

O grupo conta com várias pessoas da comunidade para resignificar as gestualidades, canções e movimentos da dança. Os jovens palpitam e contribuem para a estruturação dos movimentos e conseqüentemente, na criação e reconstrução dessa prática cultural. Desse modo, percebemos a ligação intergeracional propiciada pelo grupo, onde os mais velhos ensinam, mas também permitem a aproximação dos mais novos para que possam se sentir parte do grupo.

.Em algumas histórias contadas pode-se perceber a dança do tambor como uma manifestação mais expressiva e representativa do grupo, é o momento em que aqueles sujeitos recorrem à essência das práticas antigas para se situarem no contexto atual e se identificarem. Logo, a dança do tambor é a prática de afirmação e busca pelo resgate do legado quilombola e afirmação no cenário cultural atual.

Todas as práticas antigas representadas na comunidade João Borges Vieira, foram buscadas e desenvolvidas a partir do momento em que esses sujeitos perceberam a necessidade de se afirmarem na sociedade em que vivem. Assim, práticas corporais antigas foi uma dimensão importante, pois foi um dos elementos que identificaram a

singularidade desse grupo. E para isso, eles recorreram a essa dimensão, mas não com o carácter de reproduzir o que estava esquecido, e sim de resignificar, reconstruir e evidenciar a tradição quilombola em uma comunidade de carácter urbano, com suas novas determinações e contexto.

MEMORY AND GROUP IDENTITY OF THE TAMBOR'S DANCE OF THE QUILOMBOLA COMMUNITY IN URUÇU, STATE OF GOIAS/BRAZIL

ABSTRACT

This article discusse a research carried out at João Borges Vieira's Quilombola Community, located in the Uruçu city, State of Goias/Brazil. The aim was to describe the Tambor's Dance realize by community resident, and to understand the relation of dance with the group identity. Was realized visited to the community, interview with key informants, and observation of the group presentation. The interview was transcribed and analysed by thematic analyses. It was possible identify, describe and understand the meanings those people give to this experience, and how this practice contributes to the group identity.

Key-words: memory; identity; dance; quilombola community

MEMORIA E IDENTIDAD DE LA DANZA DEL TAMBOR EN UNA COMUNIDAD QUILOMBOLA EM LA REGIÓN DE GOIÁS/BRAZIL

RESUMEN

La investigación se llevó a cabo en la comunidad urbana quilombola João Borges Vieira en la ciudad de Uruçu, en la región del estado de Goiás. El objetivo haber sido describir la danza del tambor celebrada en la comunidad y sus relaciones con la identidad desde el grupo. Se realizaron visitas a la comunidad, entrevistas semi-estructuradas con informantes y observaciones de los espectáculos de danza. Las entrevistas fueron transcritas y analizadas de acuerdo as análisis temático basado en la antropología y los conceptos de la memoria y la identidad. Fue posible identificar, describir y comprender los significados que los actores sociales se unen a las experiencias y cómo la práctica corporal contribuye a la reconstrucción de la identidad de este quilombo.

PALABRAS CLAVES: memoria, identidad; danza; comunidad quilombola.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. J. M. **Rituais indígenas na contemporaneidade brasileira: a (re)significação de práticas corporais do povo bororo.** Dissertação [Programa de pós-graduação em Sociologia]. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

ALVAREZ, G. O.; BORELA, H. A.; MARTINS, T. R. **Tradição cultural e práticas corporais em comunidades quilombolas de Goiás: notas para uma política de esporte e lazer.** Goiânia: Editora PUC Goiás, 2011.

ARRUTI, J. M. "A emergência dos " remanescentes": notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas." **Mana** v. 3, n.2, p. 7-38, 2007.

BOSI, A. **Dialética da colonização.** Cultura brasileira e culturas brasileiras. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.308-345: Cultura brasileira e culturas brasileiras.

CHAUÍ, M.. **Cultura e democracia.** En: Crítica y emancipación : Revista latino-americana de Ciências Sociales. Año v. 1, n. 1 (jun. 2008-). Buenos Aires: CLACSO, 2008.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo.** Papyrus Editora, 1994.

DESLANDES, S. F. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Maria Cecília de Souza Minayo (org.) 29 ed. Petropolis, Rio de Janeiro: Vazes, 2010.

FALCÃO, J. C.; INÁCIO, H. L e VIEIRA, L. R.. **De quilombos e quilombolas: aspectos legais e debate legislativo.** Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2011.

FREITAS, D. B; SILVA, J. M; GALVÃO, E. F. C. **A relação do lazer com a saúde nas comunidades quilombolas de Santarém.** Rev. Bras. Cienc. Esp., n.2, v. 30, p. 89-105, jan. Campinas, 2009.

HALBWACHS, M., et al. **A memória coletiva.** São Paulo: Edição Vértice, 1990.

MAUSS, M. **Técnicas corporais.** São Paulo: EPU, 1974.

MERIGUI, M. A. B. **Fenomenologia. Abordagens teórico-metodológicas Qualitativas: a vivência da mulher no período reprodutivo.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003, p. 31-38.

MINAYO, C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Ed. 29. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

OLIVEIRA, A. C. **Direito à memória das comunidades tradicionais: organização de acervo nos terreiros de candomblé de Salvador, Bahia.** Dissertação de mestrado. Bahia, 2011.

SILVA, A. M, et al. **Práticas corporais em comunidades quilombolas de Goiás.** Falcão, J.L. C (org.). Goiânia: Editora da PUC, 2011.

SILVA, A. M; DAMIANI, I. R. **Práticas corporais.** Florianópolis: Naemblu Ciência & Arte, 2005.

SILVA, S. R. **Quilombos no Brasil: a memória como forma de reinvenção da identidade e territorialidade negra.** Artigo no XII Colóquio Internacional de Geocrítica, São Paulo: 2012.

SUASSUNA, D. M. e AZEVEDO, A. A. **Política e lazer: interfaces e perspectivas.** Brasília: Thesaurus, 2007. 240p.

VALENTIM, R.; TRINDADE, Z. A. e MENANDRO, M. C. S. Memórias sociais de juventude entre quilombolas do norte do Espírito Santo. Revista **Psicologia e Sociedade.** vol.22, n.2, p.279-287, 2010.

VIANA, C. F., LEMOS, J. R.; e LIMA, L. M . **A dança em Goiás nos anos 70: memória e identidade.** Dossiê. Goiânia: s.e, 2004.

WEHLING, A. **Estado, história, memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional.** Editora Nova Fronteira, 1999.

WEHLING, A; & WEHLING, M. J. As estratégias da memória social. **Revista de história sem fronteiras.** Ano 1, nº 1. Rio de Janeiro: Editora Atlântida, 2003.